

**AUTORA: LIZ
PASSARINHO**

HISTÓRIAS DE UMA MÉDICA

Brasília, 2021

Editora



HISTÓRIAS DE UMA MÉDICA

Esta é a história de como eu morri... ou não...

Oi, sou a Rafaela. Vou contar como eu morri, mas, para isso, vou contar um pouco da minha história. Sou médica, para ser mais específica, cardiologista. Porém nunca passou pela minha cabeça que me tornaria médica.

Desde pequena sempre sonhei em ser artista, dançarina, modelo... sempre fui encorajada pelos meus pais a ser o que eu quisesse. Venho de uma família simples de Ithaca, onde todos se conhecem, mas, ao entrar na minha primeira aula sobre anatomia humana, percebi que era isso que eu queria para a vida.

Nos meus primeiros anos como interna, estava decidida a ser neurocirurgiã, mas isso não caminhou muito bem. Tudo começou quando eu era a favorita da Doutora. Todas as cirurgias que ela fazia me chamava na hora para acompanhar, porém, pediram para que ela desse oportunidade a outros internos para que todos pudessem aprender também. Me senti frustrada pois éramos uma dupla inseparável.

Aprendi muito com cada cirurgia, mas foi só os outros internos tentarem fazer cirurgias e praticarem que a Dra. descobriu que eu não era a única boa na área, então fiquei de lado, e aos poucos fui esquecida. Era como se eu não existisse. Então me testei em outras áreas: tentei geral, mas não deu muito certo; fui para plástica, mas não me interessei; ortopédica era chato; dermatologia nem pensar! Não estudei 4 anos da minha vida para ter que explicar como passar protetor solar.

Foi então que surgiu a brilhante ideia de tentar a cardio. Eu não tinha nada para perder mesmo, qual seria o mal? Depois de experimentar, não queria mais parar. Vocês não têm noção do quão é legal segurar um coração para transplante, revascularizar, restaurar uma veia. É simplesmente incrível!

Aconteceu que, no meu último ano como interna, sofri um acidente de carro indo ao trabalho. Fiquei na UTI por mais de 45 dias e logo após sair de lá, entrei em coma. Desligaram meus aparelhos e, desde então, tenho flashbacks da minha vida, como da primeira vez que ralei o joelho, ou então quando tirei o meu primeiro A+ na vida.

Até que comecei a ter sonhos estranhos com pessoas que nunca havia visto na minha vida. Durante anos, escutei a voz deles todo verão, mas sempre tinha um que ficava com medo, que o chamei de Amarelão; o outro, Vacilão, que sempre desistia na última hora; e tinha o Corajoso, que sempre ia primeiro no que fosse preciso. O estranho é que, da última vez que sonhei com eles, havia uma voz desconhecida. Até que um dia tudo mudou...

Em um dos sonhos, era como se todos estivessem desesperados pedindo por ajuda, uma confusão. Depois disso, acordei em um lugar

estranho, parecia um hospital, mas não era onde eu trabalhava. Assim que comecei a abrir meus olhos, vi uma sombra de um homem que nunca tinha visto em toda minha vida. Pensei que estava delirando, até ele me explicar que, na verdade, eles me encontraram em um hospital abandonado e, então, me trouxeram para cá. Ele também me disse que eu estava desaparecida há 4 anos e atendia pelo nome Rafaela.

Entretanto, eu não lembrava de nada. Era como se eu tivesse dormido e acordado no dia seguinte. Logo após ele ir embora, perguntei para a enfermeira há quanto tempo ele estava me visitando. E ela me disse que ele vinha todos os dias me ver, desde que cheguei.

Dias depois...

Já havíamos virado melhores amigos. Ele me contou sobre sua família e amigos. Eu ainda não sabia quem eu era. Todos os dias, uma moça vinha me ver antes das 7h para me dar remédios que me ajudavam com a memória para me lembrar de quem eu era. Mas não adiantava, era como se eu tivesse realizado lavagem cerebral. Entretanto ela nunca me deixava desanimar e sempre vinha com a frase: “ Não faz mal. Você vai conseguir se lembrar logo”.

Isso me reconfortava. Me sentia chateada por não poder contar para o Theo, de onde eu era, minha profissão, família, etc...

Certo dia, me veio uma lembrança que parecia ser muito recente. Era uma sala de cirurgia em que alguém estava operando. A única coisa que consegui escutar foi: "carrega em 300". Logo após reviver essa cena, acordei sem entender nada. Como minha pressão havia subido, a médica foi ver se eu estava bem e logo perguntei:

— Eu tive uma parada cardíaca durante a cirurgia?

Ela me respondeu:

— Não, por quê?

Então respondi:

— Por nada não.

Fiquei o resto do dia pensando nisso e me veio à cabeça outra parte desse acontecimento. Foi quando percebi que quem estava operando era eu, mas tudo isso não fazia o menor sentido, pois tinha pavor de cirurgia. A única pessoa a quem contei isso foi o Theo. Ele me disse que era para contar para a psicóloga, mas não tive coragem. Preferi acreditar que as memórias poderiam ser um filme ou alguma série, porém, com o tempo, as lembranças começaram a ficar mais realistas ainda.

Tomei coragem e contei para a Elisa, a psicóloga. Logo procuramos em todos os hospitais da cidade o meu nome. Achamos o registro do meu nome no hospital onde fui encontrada. Descobrimos muitas coisas sobre mim, mas ainda não conseguia acreditar.

Meses depois...

Já havia recuperado a minha memória, então fui liberada para casa mas tinha um, porém: eu não tinha casa, e nem emprego. Minha residência havia sido demolida enquanto estava desaparecida. Então o Theo me ofereceu para ir morar com ele. Aceitei. Fomos ao shopping comprar roupas e comida. Nos tratávamos como irmãos. Ele nunca desistiu de mim, mesmo quando eu desisti de mim mesma.

Era muito legal morar com ele. Cada dia ele me fazia sentir mais confiante e confortável para voltar a trabalhar. Ele me fez levar o meu histórico como médica para o hospital em que ele trabalha. Não, ele não é médico.

O hospital me contratou, mas eu tive que entrar como interna e não residente. Ou seja, teria que refazer o meu ano de interna porque estava muito tempo afastada da profissão. Foi estressante ter que ser interna novamente, mas, vida que segue.

Pela primeira vez na vida, eu senti que estava no lugar certo com as pessoas certas. Até que apareceu o Luís. Ele era meu melhor amigo, mas a gente não se falava há muito tempo, por causa do acidente. Ele me disse que queria retomar a nossa amizade, que estava com saudade, e que ele pensou que eu tivesse morrido.

Theo ficou com um pé atrás sobre o Luís, mas eu nem liguei. Pensei que fosse besteira, pois toda vez que eu falava do Luís ele sempre levantava diferentes hipóteses, como: “Por que depois de tanto tempo ele resolve aparecer?” “Por que ele não te procurou?” “Será que ele já tinha desistido de você?” e muitos outros questionamentos.

Com o tempo, eu e Luís fomos nos reaproximando. Saíamos para assistir filmes, comer, passear... como nos velhos tempos. Ele estava diferente, era como se ele estivesse arrependido, não sabia do quê. Toda vez que eu o perguntava, rapidamente ele trocava o assunto.

Depois de um tempo, o Theo começou a gostar do Luís, eles finalmente teriam se tornado amigos. Eu nem conseguia acreditar, mas eu percebi que tinha algo diferente no Luís. Ele havia se tornado outra pessoa. Antes ele era tão simpático, carismático... e agora ele estava escondendo as coisas de mim (coisa que nunca havia feito).

Fui trabalhar normalmente, como qualquer outro dia. Dessa vez, havia ido só, pois o Theo estava de folga. Ao voltar, umas 19h, assim que abri a porta de casa, vi o Theo todo machucado e nossa casa toda revirada. Sai correndo para ajudá-lo. Felizmente, ele estava consciente e pôde me contar tudo que havia ocorrido.

Basicamente, o Luís tem um irmão gêmeo, e esse irmão estava se passando pelo Luís. Por isso as mudanças que eu tinha percebido nele. Ele passou as informações da casa, vieram e roubaram tudo.

Pensavam que não teria ninguém em casa. Mas, ao arrombarem a porta, deram de cara com o Theo. Quando deram de cara com meu amigo, começaram a bater no Theo, sem dó nem piedade. Bateram nele até ele apagar, pegaram tudo e foram embora. O lado bom é que o Theo não teve ferimentos graves. Me senti muito culpada por ter deixado eles entrarem na

nossa vida, mesmo depois do Theo ter me avisado, mas agora não tinha muito o que se fazer... só melhorar a segurança da nossa casa.

Depois de alguns dias, tiramos férias, finalmente!!

Fomos para um lugar que tinha uma praia paradisíaca, com água cristalina, areia branca como neve e um pôr do sol estonteante. Ficamos lá por 10 dias, e depois fomos para outra cidade incrível. Era bem pequena, mas tinha um dos hospitais mais reconhecidos do mundo. Era o meu sonho trabalhar lá. Para vocês terem uma ideia, esse hospital é número um em pesquisas, emergência, transplante... em tudo que puder imaginar. E eu tive a oportunidade de entrar para conhecer. Ao entrar, me senti nas nuvens.

Era como se aquele fosse o meu lugar. Pude ver de perto os médicos trabalhando, vi o procedimento de uma restauração da veia cava, um transplante de coração e o melhor de todos... um transplante de coração reutilizando as veias do coração antigo. Vocês não têm noção de como me senti ao assistir aquela cirurgia. Depois de dois dias quase trabalhando no hospital dos sonhos, fui para o hotel descansar, pois no outro dia iríamos para cachoeiras, praias e pontos turísticos da cidade.

No dia seguinte...

Começamos o passeio indo em uma praia conhecida como Mar Morto porque você consegue flutuar na água. Depois almoçamos em um restaurante chinês e fomos para diferentes cachoeiras e rios. Resolvemos ir assistir a um filme e fazer umas comprinhas. Acabou que nem deu tempo de ver os pontos turísticos direito...

Essa viagem durou 15 dias, os 15 dias mais mágicos da minha vida. Voltamos para a nossa cidade e tudo voltou ao "normal".

Voltei a trabalhar focando nos estudos, pois tinha a prova de internos novamente. Desta vez, não fiquei tão desesperada porque já havia feito a prova antes, embora quisesse tirar uma nota superior à antiga. Então todo tempo vago que tinha, usava para estudar e memorizar todo o conteúdo.

Eu e meus amigos que também fariam a prova, criamos um método para estudarmos. Cada um criou flashcards sobre diferentes áreas e assuntos. E cada card um tinha uma doença explicada, assim um conseguiria descobrir a informação o que o outro tinha em suas mãos.

A cada dia que passava, me sentia mais preparada para a prova. Assim que o dia chegou, cada um sentou em uma mesa e começou a fazer o teste. Eu senti que meu cérebro iria estourar porque havia muitas informações, mas nada que eu já não estivesse acostumada. Terminei a prova dentro do tempo e, em poucos dias, receberia a minha nota.

Durante esses dias de grande espera, continuei a trabalhar normalmente. Não havia aparecido nada de novo no hospital, apenas o de sempre como ossos quebrados, viroses, cortes. Por isso, não tinha nada para me distrair. Tivemos perdas de pacientes,mas infelizmente sempre acontece, a gente não pode impedir.

Como, mesmo com as perdas, a taxa havia diminuído significativamente, resolvemos fazer uma festa para comemorar., Tinha

comida, balões, música e tudo que vier à sua cabeça. Foi incrível! Nunca dancei tanto na minha vida inteira. Eu acho que, desde que entrei na faculdade, nem tinha tido tempo para ir a festas.

Havia pessoas na festa que eu nunca nem tinha visto no hospital. Até que, no meio da festa, chegou uma ambulância com uma senhora desacordada. Disseram que ela teve duas paradas cardíacas, então me chamaram para a cirurgia. Ela estava com a aorta destruída, a cirurgia demorou muito, pois tinham mais de cinco médicos de áreas diferentes socorrendo ao mesmo tempo. A sala estava cheia. E a cada hora que se passava, minha esperança por essa senhora diminuía. Era impossível ela sair de lá sem danos. Um caminhão havia atropelado-a e o motorista não prestou socorro. Ela tinha pouquíssimas chances de sobreviver, mas fizemos de tudo para que ela ficasse estável pelas próximas 24 horas.

Já haviam se passado 24 horas, e nenhum familiar foi visitá-la.

2 dias após a cirurgia...

Ela teve 3 paradas cardíacas e não suportou. Nesse mesmo dia, a filha dessa senhora chegou desesperada. E eu me senti muito triste por ter que contar a ela. Assim que contei, ela começou a chorar nos meus braços. Eu me segurei para não chorar, pois eu sei o que ela estava sentindo.

Fiquei sem chão pelo resto do dia. Não tinha vontade de fazer nada, a única coisa que se passava pela minha cabeça era a cena da menina chegando e o tanto que ela deveria ter ficado desapontada por não ter chegado a tempo.

Nesse mesmo dia tive que ficar de plantão, uma menina chegou reclamando de dor abdominal. Essa menina era claramente menor de idade, então perguntei onde sua mãe estava. A menina ficou desesperada, pois não queria que chamássemos a mãe dela. Falei com o meu superior que estava encarregado do plantão e esperei a solução.

Havia duas soluções, a primeira seria chamar o conselho tutelar e a segunda chamar, o responsável, mas parecia que a menina não queria nenhuma alternativa. Ela me pediu para dar o resultado dos exames para que ela pudesse sair de lá o mais rápido possível. Logo chamei a psicóloga de plantão, mas ela não pôde ajudar.

Após fazer os exames, descobrimos que ela estava com pancreatite, mas não fazia sentido, pois ela não estava com os sintomas. Só poderíamos fazer a pancreatectomia quando o responsável estivesse de acordo. Então a internamos e fomos controlando com antibióticos. Fomos convencendo-a de ligar para a mãe, tivemos que explicar que se o pâncreas se rompesse, aquilo traria muitos problemas, as complicações... Quando ela finalmente deixou que ligássemos para a mãe já era tarde, tivemos que correr para a sala de cirurgia.

Como eu ainda não era residente, fiquei encarregada de ligar para a mãe dela enquanto os outros começavam a cirurgia. Em uns 15 minutos a mãe dela chegou no hospital desesperada achando que a filha ia morrer. Coisa de

mãe, então expliquei que iria atualizá-la quando possível, mas que no momento teria de ir para a sala de cirurgia para auxiliar os médicos.

Ao chegar lá, estavam todos com uma cara de espanto, como se tivessem visto algo sobrenatural. Eu, sem entender, nada perguntei o que havia acontecido. Na verdade, não era pancreatite e sim um tumor maligno que havia dominado todo seu estômago e parte de seu fígado e rins. Ou seja, ela precisaria receber um transplante o quanto antes.

Colocamos ela em coma induzido, para que tivéssemos mais tempo para achar uma solução, pois após 48 horas ela não sobreviveria. O problema é que o seu segundo rim estava parando e como o outro havia sido retirado junto do seu estômago, ela não sobreviveria. Conseguimos um doador 18 horas após colocarmos ela na fila de transplante. O único problema era o lugar onde ele estava... o hospital ficava a 12 horas de avião.

Isso tomaria um dia de busca, ou seja, teríamos 6 horas para prepará-la e fazer a cirurgia, fora as complicações. Cogitamos levá-la para o hospital, porém ela estava instável demais para uma viagem de 12 horas. Como já tinha passado a minha carga horária, fui obrigada a deixar o caso, mas me contaram que teve briga por causa do rim. O pessoal do hospital onde eu trabalho conseguiu ficar com o rim. E a cirurgia foi um sucesso.

Esses últimos dias foram uma loucura. Me fizeram esquecer da prova dos internos. Assim que cheguei no hospital, todos estavam perguntando se eu havia passado. E eu fiquei sem entender nada. Eu estava por dentro me perguntando; “Passei no quê?” Aí depois eu me lembrei do que estavam falando. Eu estava com medo de ver a nota, então pedi para o Theo ver para mim.

Assim que ele abriu o email eu gelei. O pior foi a cara que ele fez. Foi um sintoma muito, mas você não passou, mas depois ele deu um sorrisinho. E eu já estava com o olho cheio de lágrimas. No final, ele me enganou e eu fiquei chateada com ele. Eu finalmente tinha me tornado residente, bom, de novo né.

Saímos para comemorar, mas não deu nem 1 hora e tivemos que voltar para o hospital. Um avião havia caído, e o único hospital mais próximo da queda era o nosso. Não era um avião pequeno como os normais que só tem classe econômica, era um gigante que cabiam mais de 850 pessoas. Ou seja, precisavam de nós. Alguns não puderam trabalhar por causa do nível de álcool no sangue.

O hospital estava parecendo feira. Estava cheio, tivemos que ir atualizando as famílias que iam chegando. Não tínhamos muitas informações e tivemos que tirar fotos dos pacientes para colocarmos nos quadros. Cada vez que colocávamos alguma foto, os familiares pareciam que iam partir para cima de nós. Eles estavam desesperados, e a gente quase não tinha informações. Tinham pessoas que estavam totalmente reviradas por dentro. Teve um moço que os intestinos foram parar no peito dele. Outros que estavam sem pele, ossos... tudo que puderem imaginar. Crianças machucadas, mães que não ficaram com o estado tão crítico procurando seus filhos.

O hospital estava tão cheio que tivemos que colocar macas nos corredores. Não havia salas de cirurgias vazias. Tivemos que pedir reforços de

hospitais aliados. Transferimos os menos graves a outros hospitais, com o consenso da família. Liberamos leitos, pacientes, tudo que imaginar, mas não era o suficiente. Estávamos cuidando de muitos casos ao mesmo tempo, enfermeiras estavam fazendo procedimentos que em tese era para ser feito por médicos. Internos fazendo cirurgias simples. O necrotério estava cheio, uma parte do pessoal ficou encarregado de ir lá tirar foto para comunicar os parentes. Esse dia começou sendo um dos melhores dias da minha vida, mas terminou sendo um dos piores...

Foi muito difícil contar para os familiares desesperados que infelizmente seu parente havia morrido. Teve briga, policiais e seguranças tiveram que separar. Chegou uma hora que o nosso banco de sangue ficou vazio. Tivemos que pedir para que os familiares doassem o sangue. O que no final foi ótimo pois eles pararam de fazer muvuca.

No mesmo dia...

Estava quase terminando o meu plantão e ainda havia uma mulher esperando para saber das vítimas do acidente, mas o problema é que não havia mais nenhuma vítima no trauma. Então fui avisá-la.

—Com licença, a senhora está à espera de alguém?

— Doutora Fernanda, quanto tempo que a gente não se vê... você não se lembra de mim?

—Desculpa, mas não...

— Claro que não... Você matou minha filha há 6 anos.

— Matei?!

— Sim, a minha linda filha Eva que tinha 3 anos e você desligou os aparelhos dela.

— A sua filha morreu de morte cerebral, os aparelhos só estavam adiando a morte da sua filha.

Assim que terminei de falar isso a Simone (mãe da Eva) tirou uma arma da bolsa dela e apontou para a minha cabeça.

—E depois de tanto tempo bolando o meu plano para te matar... me diga quais serão as suas últimas palavras!!

— A senhora não precisa fazer isso... eu sinto muito, mas apenas segui as ordens médicas.

A minha vida começou a passar pela minha cabeça como se fosse um filme. Já estava pronta para morrer, mas assim que escutei o barulho da arma... vi que não havia sido em mim. Uma das minhas amigas, a Michele, estava vendo o que estava acontecendo e empurrou os braços da Simone e, com isso, acertou do outro lado da sala. Quando eu olhei quem havia sido atingido... era ele, o Theo. Ele estava numa poça de sangue... com muita dor..

A Simone estava no chão chorando porque não havia me acertado. Foi aí que eu percebi que ela não tinha outra munição, mas ela tentou avançar em mim com uma faca e assim que me acertou na perna se matou...

Houve investigações sobre, mas tudo indica que essa mulher estava com transtornos.

Após essa semana complicada...

Os donos do hospital marcaram uma reunião com todo o pessoal. Ninguém tinha a menor ideia do motivo da reunião. E, como sempre, boatos começaram a surgir. Escutei de tudo. Alguns falaram de cortar verbas, ou seja, despedir pessoas, outros falaram sobre a possibilidade de se abrir um outro hospital (igual a este), mas obviamente não acreditei em nenhum boato. Depois de alguns minutos, a reunião começou.

—Bom dia a todos! Convoquei esta reunião para falar sobre algo muito importante. Como muitos vem percebendo, ando baixando os custos de tudo, salário, medicamentos, produtos, luvas... E acho que já está na hora de conscientizá-los sobre o assunto. A parte financeira do hospital não está nada boa. Com isso, contratei uma pessoa para ajudar a melhorar a nossa situação. Não se preocupem, pois atuaremos de forma menos invasiva possível. — Disse a chefe do hospital.

Algumas pessoas cochichando aos fundos. Sabiam que a última parte da fala da chefe era mentira. Já havia acontecido no outro hospital em que trabalhei. E posso afirmar que só temos três opções: a primeira é fechar uma das áreas onde se gasta muito, e diminuir os custos das outras áreas; a segunda é fechar o hospital; e a terceira é vender o hospital.

Não comentei com ninguém sobre pois isso só faria tudo piorar, mas em pouco tempo muitos já haviam juntado as peças. Durante os próximos dias, poderia ocorrer de tudo: greves, demissões, vaquinhas... E em poucos dias a confusão começou.

No dia seguinte...

Cheguei no hospital no horário de sempre, mas como previsto, tudo estava uma bagunça. Os enfermeiros declararam greve, médicos de todos os departamentos estão se organizando para pedirem demissão. E como sempre eu e meus amigos; Livia, Alex, David e Theo, estamos tentando achar uma solução. Como o dia estava aparentemente calmo, fizemos uma reunião na sala dos residentes para armarmos um plano.

Eu -Bom, temos de arrumar uma solução o quanto antes!

Alex-Mas o chefe não disse que arranjaría uma solução? Vamos deixar esse problema para os profissionais.

Eu- Alex eu não queria contar isso para não causar pânico, mas você não me dá escolha. Esse pessoal que o chefe contratou não vai arrumar a parte financeira do hospital. Eles irão vender o hospital, para uma empresa que irá

destruir o hospital. Como eu disse eu não iria contar porque causaria alvoroço. Mas como eu confio em vocês... eu preciso que deixem tudo que eu disse entre nós. Pois pode piorar o que já está ruim. Vocês prometem?

David-Sim.

Lívia-Sim

Theo-Claro.

Eu-Alex?

Alex- Ok Ok...

Eu- Voltando ao que é importante, algum de vocês já pensou em algo?

Já que ninguém se manifestou vou falar a minha ideia... podemos pedir uma reunião com todos os médicos de todas as áreas pedindo uma baixa de gastos. Com isso, conseguiremos arrumar a parte econômica dos hospitais. Porém, se tirarmos entre 5 a 10%, provavelmente não será o suficiente... também teríamos que trocar os materiais por materiais mais baratos. Mas temos que deixar bem claro que isso não significa que são materiais ruins ou ineficazes. O que acham?

Todos boquiabertos.

Eu- E aí, ninguém vai falar nada?

Lívia- Amiga, você dormiu hoje?

Eu- Então...é que quando eu tenho uma ideia eu não consigo dormir. E então para não esquecer eu fui anotando tudo.

Theo- Eu vi, ela fez até um powerpoint.

Eu- Você não estava dormindo?

Theo- Eu fui de madrugada na cozinha, e aí eu te vi.

Eu- Até. Mas voltando ao assunto, vocês tem mais alguma ideia ou vai ser a minha mesmo?

Lívia- Agora eu quero ver o powerpoint. Mas respondendo a sua pergunta, eu não sei se os médicos irão aceitar... você sabe como eles são.

Eu- Depois eu mostro para vocês. Eu preparei ele para falarmos com os médicos.

David- Boa Rafa, nós temos que usar tudo que temos ao nosso favor para falar com os médicos. E talvez, só talvez eles aceitem. Já com as enfermeiras...

Alex- O que tem as enfermeiras?

David- Elas já estão indignadas com tudo. Imagina pedir algo a elas.

Alex- Saquei...

Lívia- E quando iremos marcar a reunião?

Theo- O quanto antes, irei falar com o pessoal da minha área.

E quando estava tudo organizado o chefe chamou todos para uma reunião de emergência...

Eu já estava com receio do que ele iria falar. Mas foi só a gente chegar lá que tudo fez sentido...

Chefe- Bom dia a todos! Venho aqui apresentar a pessoa que irá salvar o nosso hospital. Uma salva de palmas para a Amélia.

Poucos batem palmas. O Chefe não sabe onde enfiar sua cabeça.

Amélia- Como o chefe de vocês disse, eu irei salvar o hospital, mas eu preciso da cooperação de todos para que isso seja o menos cansativo possível. Eu sei que muitos não gostam da minha presença, e que muitos entendem a situação que estão passando. Eu não irei dar discurso nenhum, até porque não vim aqui para isso, só preciso que vocês entendam duas coisas, a primeira é que irei acompanhar vocês onde estiverem, e a segunda é que eu irei fazer de tudo para salvar o hospital, custe o que custar.

Logo após esse discursinho chamamos todos os médicos disponíveis, para tratarmos sobre a nossa ideia, mas não tínhamos a menor ideia do que estava por vir...

Na reunião...

Eu- Bom dia médicos. Para quem não sabe eu sou a Rafaela, sou residente. E hoje eu e meus amigos viemos propor uma ideia. Para que não fique uma reunião longa e chata, irei ser o mais breve possível. Como qualquer cirurgião, ninguém gosta de surpresas, principalmente quando se trata de uma surpresa desagradável como essa que estamos vivenciando. Todos aqui sabemos que a situação financeira do hospital não está boa, por isso que aquela tal de Amélia veio. Mas as "soluções" dela não são as mais eficazes. Por ser uma pessoa que já vivenciou isso em outros hospitais, posso afirmar que a melhor solução é a que apresentarei agora, e que por acaso nunca nem passou perto da cabeça da Amélia.

-Todos temos uma verba, certo? Se nós tirarmos uma quantidade x dessa verba, podemos salvar o hospital. Antes que vocês se fechem, vocês precisam entender que a solução da Amélia irá prejudicar mais do que essa solução. Vocês precisam entender que se trocarmos alguns produtos que usamos todos os dias por produtos com preços mais baixos, isso não irá afetar o paciente, muito menos nós.

-Suponhamos que a Amélia não consiga "consertar" o hospital. E ela acaba vendendo para uma empresa que troca todas as regras, materiais, formas de atender... tudo que nós conhecemos irá acabar. Como eu disse antes, eu já vivi isso, se ela vender para a mesma empresa que comprou o antigo hospital que trabalhei...

Um médico me interrompe;

-Mas e se ela conseguir? E se ela não vender para a mesma empresa?

Eu- Eu entendo que tudo isso são “suposições” mas vocês preferem resolver isso e deixar tudo como conhecemos, ou dar sorte para o azar?

Antes de qualquer um responder, a Amélia abre a porta...

Amélia- O que vocês estão fazendo aqui? Até onde eu sei não é em uma sala normal que se faz cirurgia. Todos ao trabalho!

Eu esperei a sala esvaziar um pouco para que eu pudesse sair com calma e tranquilidade, até que a Amélia me chama.

-Ei você, que estava falando alguma coisa quando eu abri a porta.

- Eu?

Amélia- Sim, você!

Fiquei parada. Enquanto ela se aproximava.

Amélia- Não sei quem é você, nem muito menos o que você pensa que eu irei fazer. Mas não tenho medo de você. Já lidei com pessoas muito piores e eu posso acabar com sua carreira em um estalar de dedos.

Eu- Eu não tenho a menor ideia do que você está falando. Nós estávamos fazendo uma reunião para arrumarmos os horários de hoje. Eu não sei se você viu, mas perto do trauma temos um quadro com os médicos, salas, procedimentos e horários. Nós temos essa reunião todos os dias, para que não ocorra choque de salas.

E depois disso eu saí da sala sem mais nem menos. De onde eu tirei a coragem para falar assim com ela eu não sei, mas com certeza ela vai ficar na minha cola o tempo todo.

O resto do dia ocorreu bem, perguntei se a gente poderia fazer uma reunião com todos os médicos no mesmo horário do dia seguinte e a maioria ficou feliz com isso. Claro que tiveram alguns médicos que nem olharam na minha cara, mas tudo bem. Fiquei acompanhando os pós-operatórios, e não tinha nada de novo. Apenas observar as máquinas para controlar caso ocorresse alguma mudança.

No dia seguinte...

Como o esperado a Amélia ficou no meu pé, eu não pude ir ao banheiro sem que ela fosse junto. Eu fiz o meu dever de casa e descobri o horário que ela chegaria, então eu marquei a reunião antes, e se ela chegasse no quadro já teria os horários prontos.

Infelizmente a reunião não foi como eu esperava... os médicos só pensam na área deles. Eles não entendem que isso salvaria o hospital. Então só me restava apelar para o chefe da cirurgia, até porque ele que decide tudo.

-Chefe, boa tarde. O senhor me chamou?

-Boa tarde Rafaela, não, mas você será útil no trauma. Me acompanhe.

-Enquanto vamos para o trauma eu gostaria de falar sobre algo com o senhor...

Antes que eu terminasse uma das únicas enfermeiras que estava trabalhando bipa o chefe. Ele olha o celular e começa a correr.

-Mais rápido Rafaela. Temos um paciente com parada cardíaca.

-Ok, mas eu preciso falar urgentemente com o senhor.

Após cuidarmos do paciente, que no momento passa bem. Tentei falar novamente com o chefe, mas nunca era uma boa hora, quando ele não estava ocupado a Amélia estava com ele. Isso me deixou muito irritada, pois ela só estava lá para atrapalhar. Mas quando finalmente ela não estava com ele...

-Chefe eu poderia falar com o senhor agora?

-Claro, Rafaela, mas antes eu irei lhe apresentar aos empresários...

-Empresários?

-Isso mesmo, você não ficou sabendo que estamos vendendo parte dos direitos do hospital?

Falo em seu ouvido;

-Não... mas eu gostaria de falar com o senhor sobre isso.

-Claro, assim que a reunião com eles acabar eu te chamo.

-Ok, mas só nós dois. Não quero que se espalhe o que eu irei te falar.

Enquanto eu esperava a conversa acontecer...

Fui para a sala de descanso dormir, mas eu não consegui dormir de forma nenhuma. Eu precisava criar algo para que ele me escutasse. E como eu não usei o powerpoint com os médicos agora seria a melhor hora de usar. Mas eu teria que fazer algumas mudanças primeiro, até porque os slides estavam de forma bem simplificada.

Quando começamos a conversar...

-Chefe, com o disse mais cedo eu tive uma que pode salvar o hospital.

Chefe- Mas a Amélia já me contou quais são as opções que temos. E até onde eu sei ela que trabalha nesse rumo, não você.

Eu - Eu entendo que você fique com um pé atrás, pois não trabalho nessa área, mas se o senhor me escutar, verá que é uma ótima solução. Eu já tenho tudo planejado, só preciso que o senhor aceite. Então sente-se e me escute por favor.

Chefe - Ok.

Começo a mostrar os slides.

-Como o senhor pode ver, tivemos um declínio na parte dos lucros. E com isso estamos com muitas dívidas que não podemos arcar.

Chefe - Nada disso é novidade para mim.

Eu -Voltando ao meu raciocínio... esse hospital não será nem o primeiro e nem o último a arcar com essas dificuldades. No hospital que trabalhei anteriormente, tivemos os mesmos problemas, e chamamos a mesma empresa para "consertar" nossos problemas. Mas a única solução para eles é vender o hospital para uma empresa. E não são empresas que focam no bem estar dos pacientes... agora que o senhor já entendeu o objetivo da empresa, vou mostrar a minha solução, se nós "pegarmos" cerca de 5% de cada área do hospital, e trocarmos os materiais utilizados atualmente por outros mais baratos, conseguiremos arcar com as dívidas e fazer um fundo emergencial. O que o senhor acha?

Chefe -Acredito que se fizermos isso perderemos muitos médicos incríveis e eficientes. Além de que me causaria uma dor de cabeça enorme. A senhora sabe como os médicos são. Fora que os materiais que temos são de ótima qualidade, e se trocarmos por um mais barato, estaremos pondo a saúde do paciente em risco.

Eu- Mas senhor, nem todos os materiais mais baratos são ineficientes. Eu conheço uma marca que é tão boa quanto a que usamos atualmente, e pelo incrível que pareça ela é mais barata. Se o senhor pesquisar...

Chefe- Já chega! A resposta é não! Fora que já achamos uma empresa que comprará o hospital.

Eu -O que? Vocês irão vender o hospital?

Chefe -Isso não está no seu controle. Se você me der licença eu irei me preparar para a reunião com os empresários.

Ele sai da sala, e eu fico chateada com a situação. Então contei para o pessoal, e eles falaram que já esperavam por isso.

E em poucos dias...

Chego no hospital e me deparo com médicos que nunca vi na minha vida, uniformes diferentes, e uma logo sendo feita. E como sempre o discurso do chefe aos fundos;

-Como puderam perceber as mudanças já estão sendo feitas. Conseguimos que a empresa Ferradura comprasse o nosso hospital. E com isso todos passaremos por uma série de mudanças. Os cirurgiões irão para a sala 05 para aprenderem a sutura padrão, os internos e residentes irão para a sala 08 para aprenderem a forma padrão de atendimento e as enfermeiras irão para o

trauma. Também preciso que vocês liberem os pacientes que não são graves para que possamos poupar os medicamentos.

Eu pergunto para a Livia o que está acontecendo, pois cheguei atrasada. E ela me responde;

-Infelizmente eles venderam o hospital para essa tal de Ferradura. E pelo o que eu vi, eles são tudo o que você disse. E aqueles ali de laranja são os internos que vieram de outro hospital deles, e aqueles de amarelo os médicos que vão nos ensinar tudo sobre eles. E na sala 08 tem um professor que vai...

Eu - Amiga, essa parte eu ouvi... mas o problema mesmo nem começou. Assim que tiver qualquer problema nossa vida será horrível.

No mesmo dia escutamos que eles pretendem transformar a área do trauma em uma clínica de cistos, dá para acreditar? Cistos!

Isso foi a gota d'água, parecia que o hospital estava em chamas. Todos estavam reclamando. Nós éramos número 1 da rede de traumas. E agora a Ferradura resolve estragar tudo. Eu não acredito que isso está acontecendo. E para piorar, lembra daqueles internos de laranja? Então, eles são muito irritantes. Eles pensam que mandam em tudo, eles mal chegaram e já se acham os donos de tudo.

Sem acreditar em tudo que está acontecendo fui dormir, até que no meio da minha soneca tive uma ideia incrível, eu não sei se eu já contei aqui, mas um dos meus amigos, para ser mais específica o Alex, ele é rico, mas não é tipo "aí eu sou rico, eu tenho uma ferrari" é tipo podre de rico. Para vocês terem uma noção, a família dele é a família que tem um prêmio, é o prêmio que qualquer médico sonha em ganhar, é o maior reconhecimento que você pode ter. E ele faz parte dessa família, dá para acreditar?

Quando eu contei...

-Você está louca! Eu não pedi isso para a minha mãe.

-Mas por quê Alex?

-Não tem como eu pedir isso para eles.

-Se você não vai pedir, eu vou!

Pego o celular dele e ligo para a senhora Herman;

-Oi senhora Herman, tudo bem? Eu não sei se a senhora lembra de mim, mas eu sou a Rafaela, uma das amigas do seu filho.

-Oi meu amor, claro que lembro de você. Como estão as coisas no hospital, fiquei sabendo que ele foi vendido.

-Então, é sobre isso que eu gostaria de falar com a senhora... aqui no hospital está tudo uma bagunça. Eles venderam o hospital para a empresa Ferradura.

-Não me diga que é a empresa que eu estou pensando.

-É ela mesmo...

-Meu deus! Como que isso foi acontecer? O meu bebê não pode ficar nesse hospital que não ensina o médico a cuidar direito dos pacientes.

-Nem eu sei como isso aconteceu... mas assim, o Alex não teve coragem de pedir para a senhora, mas ele gostaria de continuar a aprender aqui no hospital. E como a senhora disse não tem condições dele ficar aqui com esse ensino. Então ele gostaria que a senhora comprasse o hospital para que ele tivesse uma educação digna do que ele merece. Fora que a senhora conseguiria acompanhá-lo de perto.

-Eu faço tudo por ele. Vou resolver isso o mais rápido possível. Um beijo!

Meu Deus, eu não acredito que deu certo. Eu estou muito feliz!

Dias depois...

O Alex vira o chefe do hospital, mas ele não teve tempo de organizar tudo que ele precisava, então quando fomos buscar um rim para fazer o transplante descobrimos que ele já estava a caminho para o hospital. Essa regra era da Ferradura, ao ler o livro de regras, vimos que a justificativa era “os médicos não podem perder tempo indo buscar os órgãos. Pois pode comprometer a saúde do paciente” ou em outras palavras “não queremos pagar o transporte dos médicos para que possamos poupar dinheiro desnecessário”. No dia ficamos muito chateados mas depois... rimos iguais gazelas.

Bom, agora vem a parte importante. Como puderam perceber, a minha vida não faria sentido sem os meus amigos. Eles são tudo para mim, sem eles eu nunca teria conseguido ganhar esse prêmio pelo qual sou muito grata. Eu vou dedicar esse prêmio ao meu amigo Theo, que salvou a minha vida. A minha amiga Lívia, por ser essa pessoa incrível, divertida, companheira... ao Alex por ser o Alex e ao David por ser tão companheiro. Eu também agradeço a você que está lendo e a senhora Herman.

Todos aplaudem.

E no final da noite recebo diversas mensagens de hospitais diferentes. Mas não me preocupo em ler as mensagens, pois sei como o meu lugar é aqui com meus amigos.

Fim



Oi, sou Rafaela. E nesse livro você vai saber toda a minha história.

Irá conhecer tudo pelo o que eu passei.

E conseqüentemente como eu morri... ou não...

Brincadeiras à parte, mostro como que minha vida funciona e como meus amigos e trabalho são.

Se quiser saber mais sobre, abra o livro!